

ANAIS ELETRÔNICOS

**XVI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE
MÍDIA, CULTURA, CIDADANIA E
INFORMAÇÃO
II SEMIC JOVEM**

Rosana Maria Ribeiro Borges *editores*
Douglas Farias Cordeiro

**AS REDES
DESCENTRALIZADAS
NA PERSPECTIVA
MIDIÁTICA DA CULTURA,
DA CIDADANIA E
DA INFORMAÇÃO**

© PPGCOM UFG, 2022

© Rosana Maria Ribeiro Borges, Douglas Farias Cordeiro, 2022

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Douglas Farias Cordeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S471a

Seminário Internacional de Mídia, Cultura, Cidadania e Informação (16.: 2022, Goiânia, GO)

Seminário Internacional de Mídia, Cultura Cidadania e Informação [recurso eletrônico] / Rosana Maria Ribeiro Borges, Douglas Farias Cordeiro. – Goiânia : PPGCOM, 2022.
p. 825

Anais do seminário promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás.
ISSN: 2318-4876

1. Mídia. 2. Cidadania. 3. Cultura. I. Borges, Rosana Maria Ribeiro. II. Cordeiro, Douglas Farias.

CDU: 316.77

**As redes descentralizadas na perspectiva midiática da
cultura, da cidadania e da informação**

22 - 26 | Agosto | 2022
Goiânia | Brasil

GT 7 – Imagens e as Performances Culturais

CIRCULAÇÃO DIGITAL DE IMAGENS DE MÁRTIRES PALESTINOS

Vitória Paschoal Baldin¹

Daniela Osvald Ramos²

RESUMO

O presente artigo reflete sobre a circulação digital de imagens de mártires palestinos, a partir das interfaces entre performance, martírio e comunicação digital. O objeto deste trabalho é analisar a maneira pela qual a morte desses sujeitos é visualmente representada e comunicada para o público transnacional, tendo em vista a circulação dessas em perfis do Instagram acompanhadas de textos em língua inglesa. Além disso, também apresentamos o desenvolvimento histórico da utilização das mídias para o (re)enquadramento e ampliação da narrativa de vitimização palestina, compreendendo como essas imagens se inscrevem no cotidiano digital. Utilizamos da revisão bibliográfica, articulada com a observação não-participante de três perfis do Instagram articulados à causa palestina, como procedimento metodológico. Constatou-se duas maneiras pelas quais o martírio é visualmente representado e performado nos perfis do Instagram analisados: (1) o registro fotográfico dos ritos funerários dispensados a sujeitos considerados mártires e (2) a produção e o compartilhamento de pôsteres de martírio, reformulando características tradicionais de modo a realizar comunicações mais persuasivas para o público transnacional. Tais comunicações possuem características comuns, especialmente, a utilização de elementos nacionalistas e a ênfase na humanidade desses sujeitos. Apesar disso, constatou-se particularidades na configuração dessas imagens. Enquanto as imagens de ritos fúnebres possuem elementos que enfatizam dinâmicas políticas e ideológicas locais, os pôsteres de mártires preservam a uniformidade do sofrimento palestino. Argumentamos que tais diferenças decorrem da possibilidade de configurar pôsteres específicos para a comunicação com público transnacional, focando em elementos mais persuasivos, através de repertórios de vitimização de ampla difusão.

Palavras-chave: Circulação; Conflito palestino-israelense; Martírio; Performance; Ativismo digital.

¹ Mestranda em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo. vitoria.pbaldin@gmail.com. Bolsista CAPES.

² Doutora em Ciências da Comunicação, Professora no Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) na mesma unidade. dosvald@gmail.com.

DIGITAL CIRCULATION OF IMAGES OF PALESTINIAN MARTYRS

ABSTRACT

This article reflects on the digital circulation of images of Palestinian martyrs, based on the interfaces between performance, martyrdom and digital communication. The object of this work is to analyze the way in which the death of these subjects is visually represented and communicated to the transnational public, in view of their circulation on Instagram profiles accompanied by texts in English. In addition, we also present the historical development of the use of media for the (re)framing and expansion of the Palestinian victimization narrative, understanding how these images are inscribed in the digital daily life. We used the bibliographic review, articulated with the non-participant observation of three Instagram profiles articulated to the Palestinian cause, as a methodological procedure. Two ways in which martyrdom is visually represented and performed in the analyzed Instagram profiles were found: (1) the photographic record of the funerary rites given to subjects considered martyrs and (2) the production and sharing of martyrdom posters, reformulating characteristics traditions in order to deliver more persuasive communications to transnational audiences. Such communications have common characteristics, especially the use of nationalist elements and the emphasis on the humanity of these subjects. Despite this, particularities were found in the configuration of these images. While images of funeral rites have elements that emphasize local political and ideological dynamics, posters of martyrs preserve the uniformity of Palestinian suffering. We argue that such differences stem from the possibility of configuring specific posters for communication with a transnational audience, focusing on more persuasive elements, through widely disseminated repertoires of victimization.

Keywords: Circulation; Palestinian-Israeli conflict; Martyrdom; Performance; Digital activism.

1 INTRODUÇÃO

O conflito palestino-israelense, em decorrência de seu prolongamento temporal, é uma importante força para a estruturação do *ethos* e da significação de mundo dos sujeitos pertencentes às comunidades envolvidas. A disputa histórica da mídia para a comunicação pública internacional enfatiza a importância desses meios como locais de produção de significado e, em decorrência, disseminação de propaganda como resultado de exposição na mídia. Ainda na Primeira Intifada Palestina³, imagens marcantes, ligadas aos imaginários de vitimização, foram centrais para conquista de apoio palestino. Atualmente, as plataformas digitais têm operado como uma nova zona de guerra, em que as tecnologias da *web 2.0*

³ A Intifada (insurreição) foi um movimento de resistência não violento inspirado em Gandhi e Martin Luther King, assumindo que o emprego desses métodos ajudaria a neutralizar o poder destrutivo de Israel. Até o momento, houveram duas Intifadas, a primeira durou de 1987 a 1993 e a segunda – também conhecida como intifada al-Aqsa – ocorreu de 2000 até 2005, com características substancialmente distintas da primeira (PAPPÉ, 2007, para uma visão geral).

expandiram as possibilidades de confronto e atuação. Nesse cenário, a figura do *shahid*⁴, o mártir/testemunha, possui grande prevalência na cultura palestina⁵, enfatizando o sofrimento palestino para o público externo a esses eventos. Assim, o registro fotográfico dos rituais de morte dos mártires, articulados a retratos desses sujeitos, possui, em simultâneo, enquadramentos religiosos e seculares, a partir da posição sociocultural oferecida a tal sujeito.

O presente trabalho reflete sobre a circulação digital de imagens de mártires palestinos, a partir das interfaces entre performance, martírio e comunicação digital. O objetivo deste trabalho é analisar a maneira pela qual a morte desses sujeitos é visualmente representada e comunicada para o público transnacional, tendo em vista a circulação dessas em perfis do Instagram acompanhadas de textos em língua inglesa. A pesquisa, de caráter qualitativo, partiu de revisão bibliográfica, articulada com a observação não-participante de três páginas do Instagram – Quds News Network, Palestine Pixel e Sanaúd - Juventude Palestina, articuladas à defesa da causa palestina internacionalmente. Constatou-se duas maneiras pelas quais o martírio é visualmente representado e performado nos perfis do Instagram analisados: (1) o registro fotográfico dos ritos funerários dispensados a sujeitos considerados mártires e (2) a produção e o compartilhamento de pôsteres de martírio, reformulando características tradicionais de modo a realizar comunicações mais persuasivas para o público transnacional. Tais comunicações possuem características comuns, especialmente, a utilização de elementos nacionalistas e a ênfase na humanidade desses sujeitos. Apesar disso, constatou-se particularidades na configuração dessas imagens. Enquanto as imagens de ritos fúnebres possuem elementos que enfatizam dinâmicas políticas e ideológicas locais, os pôsteres de mártires preservam a uniformidade do sofrimento palestino. Argumentamos que tais diferenças decorrem da possibilidade de configurar pôsteres específicos para a comunicação com o público transnacional, focando em elementos mais persuasivos, através de repertórios de vitimização de ampla difusão.

4 No uso coloquial do árabe, recentemente, foi introduzido o termo “*istishhadi*”, para um mártir que buscou deliberadamente o martírio – ligado aos imaginários de heroísmo (SOREK, 2011) –, em detrimento ao termo mais geral “*shahid*” (SCHIOCCHET, 2011). Apesar disso, optamos pela utilização do termo “*shahid*”, tendo em vista que na comunicação digital as narrativas de heroísmo e vitimização estão imbricadas, compartilhadas com pouca ou nenhuma distinção.

5 Essa prevalência é evidenciada, por exemplo, pelas dezenas de obras de arte intituladas “O mártir”, pela imensa quantidade de materiais comunicativos sobre sujeitos martirizados (ABU-HASHHASH, 2006).

O artigo está estruturado em três tópicos de discussão. Inicialmente, apresentaremos e discutiremos o procedimento metodológico mobilizado no presente estudo. Na sequência, nos debruçaremos sobre a bibliografia de interesse para discutir as relações entre morte, mídia e performance, articulado com questões relativas à experiência palestina. Finalmente, apontaremos e analisaremos os resultados obtidos, verificando as interfaces entre as novas tecnologias e o martírio palestino. Argumentamos que essas comunicações visuais são configuradas de maneiras específicas para persuasão do público transnacional através do digital.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Esse trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa, em que buscaremos interpretar os fenômenos relativos à produção e circulação digital das imagens de mártires no panorama do ciberativismo palestino, atribuindo-lhes significado e buscando criar condições objetivas para compreendê-las no recorte espaço-temporal proposto, assim como os efeitos sociopolíticos relativos a isso. Interessa, portanto, tipificar a variedade de representações (BAUER; AARTS, 2008) de morte presentes nessas redes e suas articulações com características provenientes do compartilhamento nessas plataformas, nas quais opiniões, atitudes, discursos, crenças, identidades, práticas e ideologias são manifestadas.

Partimos do entendimento de que o conhecimento e a experiência do mundo estão intimamente atrelados aos processos de comunicação sociocultural (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2008). Ao longo do mês de junho de 2022, foi realizada a observação não-participante de três perfis de Instagram associados à divulgação internacional da causa palestina, de modo a observar empiricamente aspectos provenientes da revisão bibliográfica, bem como as particularidades da circulação digital dessas comunicações visuais. São eles: Quds News Network⁶, Palestine Pixel⁷, em que a produção de conteúdo é feita em língua inglesa, e Sanaúd - Juventude Palestina⁸, principal página da causa palestina em língua portuguesa. Cabe

⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/qudsnen/>>. Acesso em 13 de jul. de 2022.

⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/palestine.pixel/>>. Acesso em 13 de jul. de 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/juventude_sanaud/>. Acesso em 13 de jul. de 2022.

ressaltar que a proeminência de comunicações dessa natureza foram mais raras no perfil em português, tendo em vista a tentativa da página de gestar a solidariedade a partir do diálogo com referenciais brasileiros. Optou-se pela utilização da página em língua portuguesa de modo a observar possíveis diferenças nas configurações das imagens compartilhadas a depender do público alvo, associado com os idiomas utilizados. Isto é, enquanto os perfis em inglês dialogam com espectadores transnacionais diversos, a utilização do português implica na especificação dessa audiência idealizada, implicando na possibilidade de alteração das comunicações de modo a torná-las mais apelativas a tal público.

Exploramos publicações feitas pelos referidos perfis que (1) compartilhavam registros fotográficos dos ritos fúnebres desprendidos a mártires palestinos ou (2) imagens que relembavam as feições e a trajetória de sujeitos martirizados. Esses perfis foram explorados de modo a, como Habermas (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2008) propõe, apreender aquela dinâmica social de modo a facilitar a compreensão de elementos mobilizados e compreender as diferentes visões de mundo dos atores sociais que jogam e interagem naqueles espaços.

Dada a impossibilidade de mobilizar todas as imagens observadas no presente estudo, optamos por mobilizar a localização (*URL*), em nota de rodapé, de publicações exemplares das características mencionadas. Além disso, em decorrência da sobreposição das características observadas em tais perfis – diversas vezes, inclusive, há a reprodução da mesma imagem –, os resultados obtidos são narrados de maneira geral, buscando apresentar um panorama dessa atuação ativista.

2.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.2.1 MORTE, RITUAL E SOCIEDADE

Émile Durkheim (1996) refletiu sobre as maneiras pelas quais os indivíduos se reúnem com os demais membros da sociedade para, coletivamente, vivenciarem experiências significativas para coesão. Turner (1974) aponta que o ritual é uma expressão repleta de simbologias e representações, associadas às cosmologias presentes na sociedade, ligando o sagrado ao cotidiano. No ritual, o tempo e o espaço têm atributos diferentes dos experienciados no cotidiano, tendo em vista a influência da atmosfera simbólica que ressignifica a experiência.

Rivière (1997) compreende que os ritos são entendidos como o conjunto de condutas individuais e coletivas, codificadas, geralmente, de carácter repetitivo e com forte carga simbólica, que tem o corpo como suporte para comunicação (verbal, gestual e performática). A comunicação simbólica exige que os sujeitos sigam as regras e práticas social e culturalmente compartilhadas, em que os significados coletivamente construídos são a maneira primária pela qual a sociedade significa o mundo, permitindo interpretar e atuar simbolicamente sobre o mundo concreto. “Todas as vezes que a significação de um ato reside mais em seu valor simbólico do que em sua finalidade mecânica, já estamos no caminho do procedimento ritual” (BAYARD, 1996, p. 7).

A inevitabilidade da morte biológica impeliu historicamente comunidades e indivíduos a estruturarem maneiras de lidar, compreender e significar a finitude da vida. Como Sumiala (2012) argumenta, a morte evoca emoções fortes, ameaça a continuidade da comunidade e do indivíduo. A ritualização da morte evoca a sensação de continuidade, ajudando a esclarecer o sentido da vida, convidando os vivos a relembrar. Os ritos funerários possibilitam condensar os valores comunitários e as crenças compartilhadas, conectando passado, presente e futuro. Os símbolos mobilizados na ação ritual têm significados diversos, possibilitando expressar sentimentos, emoções e percepções do mundo que não podem ser expressas na linguagem verbal.

O ritual, portanto, interconecta a comunicação simbólica, de nível cultural, com a ação social cotidiana. Os ritos são, nesse sentido, uma forma central para exprimir e consolidar os vínculos sociais, partilhando emoções e valorizando eventos, reforçando a coesão social. Para Arnold Van Gennep (1978), a sociedade elabora respostas cerimoniais para auxiliar na transposição de momentos de crise. Graham Usher (1991) defende que, ao longo da Primeira Intifada, as brincadeiras mais comuns entre as crianças palestinas eram “soldados e *shabab*⁹”, que encenavam os confrontos entre palestinos e israelenses, e os “funerais”, enfatizando a importância dos ritos fúnebres para lidar com as crises sociais presentes nessa sociedade. Linda Pitcher (1998) refletiu sobre os processos culturais e psicológicos envolvidos no martírio palestino, intimamente associado à ocupação israelense, elaborando como as dimensões rituais e narrativa são articuladas ao discurso palestino de sacrifício e libertação nacional. A

⁹“Adolescente” ou “jovem”, no contexto palestino é usado na mídia para designar jovens palestinos que participam das Intifadas.

autora aponta que o corpo palestino está inscrito no conflito, em que a luta por autonomia e liberdade está centrada no coletivo – em que ocupação, herança e promessa de memória e legado atravessam o cotidiano. O corpo não é propriedade do indivíduo, mas inscreve-se na experiência coletivizada, codificado com significações socioculturais. A luta nacional, nesse sentido, ocupa posição central – em alguns casos, mesmo primária – para a elaboração identitária, auxiliando na coesão social.

Nesse cenário, o *shahid* é tomado como afirmação do aspecto coletivo do sofrimento, encarnado no cadáver. No enterro desses sujeitos, elementos ligados à identidade nacional são articulados ao sujeito morto, como o *kaffiyeh*¹⁰ e a bandeira nacional, *slogans* ativistas são declamados, prometendo-lhe legado e memória. O ritual é codificado em torno de temas como ausência, sacrifício e triunfo (PITCHER, 1998). O enterro ganha significado não apenas religioso, mas (re)conecta permanentemente o sujeito à terra palestina. Como Abu-Rabia e Khalil (2012) apontam, é comum não realizar a tolete mortuária nos sujeitos martirizados, realizando o enterro, quanto possível, com as roupas que foram mortos. Assim, “a roupa encharcada de sangue sempre permanece no corpo para fertilizar o solo e simbolizar seu sacrifício” (PITCHER, 1998, p. 24, tradução nossa).

Schechner (2002) defende que a performance faz parte de um *continuum* desde o rito até a teatralização, associando a eficácia simbólica do ritual com a função de entretenimento do teatro. Ao longo do processo ritualístico, os participantes engajam-se em ações individuais ou coletivas. A repetição das ações ritualísticas oferecem aos sujeitos envolvidos segurança, ligado à previsibilidade dos eventos. O autor define o ritual como “memórias em ação”, em que a memória é viva e constitutiva das gestualidades corpóreas, dos objetos e dos símbolos mobilizados nos rituais. Ele afirma que, ao longo da performance, as memórias são codificadas em ações, criando movimentos simbólicos e memoriais. Portanto, cabe ressaltar, que não compreendemos que atos performáticos são menos verdadeiros, ensaiados com base em irrealidades, mas que o ato performático também compõem a maneira pela qual o rito é realizado, comunicado e significado. Consideramos que as performances são ações codificadas e repetitivas que mobilizam memórias para construção da ação ritual.

¹⁰ Ou kufiya, é um lenço quadriculado, comum em regiões áridas do Oriente Médio. A partir da década de 1930, em decorrência da Revolta Árabe, passou a ser utilizado como símbolo do nacionalismo palestino. Sua proeminência, enquanto elemento nacionalista, aumentou na década de 1960 com a adoção do lenço pelo líder palestino Yasser Arafat.

No ritual de *shahada* (martírio/testemunho) os sujeitos encenam uma performance de autonomia sobre o drama da morte. “A morte entra em seu vernáculo como uma alternativa desobediente à vida sob ocupação” (PITCHER, 1998, p. 17, tradução nossa). Utilizando-se do conceito de rito de passagem de Van Gennep, Turner (1974) compreende que o ritual é um evento posicionado na margem/no limiar entre dois estados de coisa ou duas situações. O período limiar pode ser entendido como parte dos rituais de crise de vida/dramas sociais, pois são momentos importantes para o desenvolvimento social do indivíduo, como o nascimento, o casamento e a morte, já que marcam a transição de uma fase da vida para outra. Nesse sentido, Pitcher (1998) argumenta que o contexto sociopolítico palestino posiciona a sociedade em um contínuo contexto limiar, em que a ocupação inibe a organização social e a sensação subjetiva de controle sobre a realidade.

É importante pontuar que, como Wieviorka (2009) argumenta, a autodestruição está diretamente ligada à frustração, injustiça social e perda, não sendo possível ser compreendida a partir de uma noção religiosa. Logo, os rituais de martírio oferecem maneiras pelas quais a sociedade pode, ao menos momentaneamente, (re)organizar-se enquanto coletivo, significando o presente. Durkheim (1996) entende que as sociedades estabelecem conexões entre os rituais e as representações, afirmando que é através dos rituais que a sociedade toma consciência de si enquanto comunidade, (re)criando os laços de solidariedade. O ritual ordena a desordem, oferece sentido ao acaso e ao incompreensível.

2.2.2 MÍDIA E MARTÍRIO: REFLETINDO SOBRE A PALESTINA

Como Grimes (2006) aponta, por muito tempo, “ritual” e “mídia” eram considerados termos pertencentes a esferas socioculturais distintas – um do sagrado, designando uma atividade religiosa, o outro secular, ligado a tecnologias de comunicação e informação. Contudo, compreendemos que as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) afetaram profundamente as concepções de tempo, lugar, participação e comunidade. Como Sumiala (2012) argumenta, para compreender a prática ritual contemporaneamente é necessário entender e investigar as lógicas midiáticas.

Atualmente, as conexões entre ritual e mídia tem se evidenciado pela profusão de estudos acadêmicos que articulam essas noções (COULDRY, 2019; BACEGA; NUNES, 2020;

ANDRADE; PEREZ, 2021, para citar algumas publicações recentes em língua portuguesa). Assim, atualmente, essas categorias são consideradas de maneira sobreposta. Apesar disso, Grimes aponta a necessidade de desenvolver análises que permitam articular esses conceitos sem perderem seu potencial analítico. Ou seja, uma análise valiosa sobre a mídia e o ritual precisa partir do entendimento de que esses domínios são “diferenciados e concebidos como compartilhando uma fronteira comum” (GRIMES, 2006, p. 12, tradução nossa). Para o autor, as relações entre mídia e rito podem ser observadas em diversos enquadramentos, entre eles podemos citar: a apresentação midiática de um rito; a expansão de um evento ritual pela mídia; ações rituais no espaço virtual; a ritualização do comportamento frente objetos sociotécnicos; objeto ritual entregue pela mídia; fantasia ritual mediada; e a mídia como modelo ou alvo da atividade ritual. Os rituais podem ocorrer em relação, através ou em decorrência da mídia.

A valorização do martírio está manifesta em diferentes aspectos da sociedade palestina, diversos clubes sociais, células militantes, bairros e ruas foram nomeados em homenagem a esses sujeitos (ROLSTON, 2014). A morte, nesse sentido, opera como força unificadora da nação (ANDERSON, 2009). A narração do martírio palestino, pelo sujeito¹¹ e por seus familiares, conduz à certeza – centrada na morte e na resistência – enquanto o cotidiano permanece ambíguo e limiar. Isto é, a narração do ritual de martírio é permeada de heroísmo e sacrifício. Na morte, alcança-se a liberdade e o controle negado em vida, unindo futuro e presente, individual e coletivo. O mártir “sai do confinamento da ocupação para um mundo menos ordenado: um lugar de grande perigo e de grande potencial” (PITCHER, 1998, p. 19, tradução nossa). Logo, as imagens de mártires como narrativas rituais operam como formas de empoderamento, reivindicando ou explicando a realidade articulada àquela morte (PETEET, 1994). A performance realizada pelo mártir adquire através da produção e circulação imagética potência política e social. “Estabelece-se uma relação entre a presença do eu articulada na morte e uma ausência que fica na memória dos vivos” (PITCHER, 1998, p. 28, tradução nossa).

¹¹ Uma das principais maneiras em que o sujeito pode narrar sua própria ação de martírio, disseminando e preservando-a coletivamente, é através da gravação de vídeo-testemunhos, prática difundida ao longo da Segunda Intifada Palestina (veja Hamamra (2018), para uma análise desses vídeos a partir do enquadramento de gênero).

Katherine Verdery (1999) argumenta que as propriedades mais importantes dos cadáveres decorrem de sua ambiguidade, em que leituras múltiplas são possíveis a depender das narrativas incorporadas ao sujeito morto. O cadáver, nesse sentido, se torna passível de corporificar narrativas e significados sociais diversos. De maneira geral, a autora aponta para a capacidade do corpo morto de evocar preocupações cósmicas e existenciais, evocando as histórias pessoais que o cadáver encarna para, simbolicamente, (re)ordenar o cotidiano.

Blaagaard, Mortensen e Neumayer (2017) defendem que a disseminação das tecnologias de captura e disseminação de imagens de conflitos intensificou a luta pela visibilidade, encorajando que narrativas visuais concorrentes disputem espaço e relevância pública. Esse processo também implicou no acesso sem precedentes a imagens mais subjetivas desses eventos, documentando violência e violações de direitos humanos de forma associada à vida cotidiana em zonas de conflito. A produção e disseminação dessas imagens possibilitaram que o cidadão comum documentasse suas experiências, contestando autoridades e mídia, objetivando, também, influenciar a opinião pública. Os autores apontam que, em decorrência da difusão transnacional, essas imagens são recebidas e interpretadas de maneiras distintas a depender dos contextos sociais, culturais e geopolíticos de seus receptores.

Nesse sentido, diversas vezes, os produtores enquadram suas comunicações em imaginários de ampla difusão internacional, em que usuários contribuem para a circulação de imagens, especialmente, aquelas consideradas de interesse público e urgentes, como ataques terroristas e sofrimento humanitário. Assim, a utilização dos repertórios de vitimização (SOREK, 2011) elevam o tom emocional associado ao evento. A utilização de histórias que mobilizam solidariedades internacionais, bem como o posicionamento negativo do inimigo, historicamente, tem grande difusão e efetividade (WOLFSFELD; FROSH; AWABDY, 2008; SONTAG, 2012).

Como Wieviorka (2009) aponta, as mulheres e crianças são figuras essenciais para a noção de vitimização contemporânea, em que o aspecto civil passa a ocupar uma posição central nas preocupações de guerra. Historicamente, a opinião pública tem progressivamente demonstrado preocupação com a população civil em confrontos militares. Nomear as vítimas demanda atenção pública, negando o posicionamento dessas mortes na esfera privada. A rememoração de vítimas de perseguição étnica e genocídio reforça os laços de pertencimento entre o grupo, em ações de profundo significado político e histórico. Como o autor aponta, a

mídia é uma agente central para os enquadramentos contemporâneos da vitimização, implicando, também, na disseminação do medo de se tornar também uma vítima. Os palestinos utilizam sistematicamente das características comuns de comunidade, posicionando a vitimização dos palestinos em perspectiva mais ampla, enquadrando o espectador externo em posição de semelhança com os mortos, feridos e familiares em sofrimento. A solidariedade internacional para com os palestinos possibilitaria (re)negociar as lógicas de poder do conflito, representando uma importante ferramenta para o ativismo.

2.3 RESULTADOS

Ao longo da presente pesquisa foi possível observar que os três perfis analisados, ainda que utilizem idiomas distintos e, logo, dialoguem com públicos diferentes, as comunicações examinadas seguem a mesma lógica de produção e circulação. Dessa maneira, os resultados obtidos são apresentados aqui de maneira geral e ampla. Identificou-se dois enquadramentos na circulação de imagens articuladas aos mártires palestinos: (1) imagens que lembravam a feição e a biografia dos mártires, operando de maneira próxima aos tradicionais pôsteres de martírio e (2) registros fotográficos dos ritos funerários realizados nos TPO. Consideramos que ambas comunicações estão intimamente relacionadas aos rituais de martírio (ABU-HASHHASH, 2006).

Como Abu-Hashhash (2006) aponta, os pôsteres de martírio, produzidos por diferentes partidos políticos (WILES, 2013), compõem a paisagem das cidades palestinas há décadas, sendo a principal forma pela qual o martírio é representado e comunicado. A principal disseminação dessas expressões se deu a partir da Segunda Intifada Palestina¹². Nesse sentido, Sorek (2008) argumenta que tais comunicações públicas são importantes ferramentas para a construção nacional, oferecendo “validade e legitimidade à sua reivindicação política por um território e mobiliza[ndo] futuros sacrifícios pela nação” (SOREK, 2008, p. 345. Tradução nossa). Essas produções ajudam os palestinos a lidar com tais perdas, em uma forma de autodefesa coletiva apoiada em valores religiosos, históricos e políticos. Abu-Hashhash (2006) aponta para três elementos recorrentes nos pôsteres de martírio: (1)

¹²Como Rolston (2014) aponta, embora o Hamas tenha proibido em Gaza o retrato de mártires em 2002, temendo que tais pessoas poderiam erroneamente ser entendidos como santos, diversos murais, outdoors e pôsteres retratam os mártires palestinos.

uma fotografia do sujeito martirizado; (2) um texto que funciona como um obituário; e (3) outros signos associados às questões religiosas e nacionais. Essas características também foram observadas nas comunicações digitais, ainda que não aglutinadas na imagem, tendo em vista a possibilidade de adicionar uma legenda.

Nas plataformas digitais, novas imagens são adicionadas para cada palestino morto ou preso. Nesse cenário, são compartilhadas de maneira indistinta aqueles que faleceram em decorrência de ações do exército israelense, as vítimas, ou de ações de resistência, os heróis. Como Sorek (2011) aponta, os mitos nacionais de martírio operam a partir de dois pólos: o heroísmo e a vitimização. O primeiro se refere ao ativismo auto-empoderado e o segundo representa a passividade e a violência de uma alteridade que deve ser combatida. A ênfase nos repertórios de vitimização em conflitos nacionais está baseada em crenças sobre justiça e dignidade humana, enfatizando discursos que antagonizam “o Bem” e “o Mal”. Nesse sentido, a figura do mártir palestino é apoiada em ambos entendimentos.

Apesar disso, diferentemente do observado nas comunicações de rua (ABU-HASHHASH, 2006; ROLSTON, 2014), nos pôsteres analisados não há referências diretas à militância armada ou a grupos políticos específicos, mesmo para sujeitos que morreram em combate. Essa diferença, argumentamos, decorre dos distintos público-alvo dessas comunicações, os pôsteres tradicionais são criados para o consumo local, possibilitando especificar enquadramentos ideológicos e políticos desses mártires. Para o público transnacional é estratégico preservar o discurso de vitimização palestina, mais ampla e geral, apesar das especificidades daquele mártir. Outra particularidade dos pôsteres de martírio digitais é a falta de referências religiosas, em que imagem é construída a partir de elementos nacionais¹³, como a bandeira, o Domo da Rocha¹⁴ e o *kaffiyeh*.

Nesse sentido, nos pôsteres os mártires não são representados como figuras políticas, menções a partidos ou pautas específicas são raras. A juventude e o nacionalismo são repertórios frequentemente mobilizados, retratando-os como vítimas desnecessárias da

¹³ Veja um exemplo em: <<https://www.instagram.com/p/CfN4MNg08eV/>>. Acesso em 14 de jul. de 2022.

¹⁴ Apesar do Domo da Rocha ser uma construção religiosa, entendemos que as referências à construção não fazem parte de um repertório religioso, mas está associado ao nacionalismo palestino. A vista para o Domo da Rocha, perdida com as dificuldades de acesso a Jerusalém e com a construção do muro na Cisjordânia, é um tema frequente na arte e na comunicação visual palestina.

violência¹⁵ e da perseguição¹⁶. Em alguns casos, há a ênfase no sofrimento familiar, evidenciado por perdas múltiplas em uma mesma família¹⁷ ou por imagens de dor e sofrimento dos familiares ao longo dos ritos funerários¹⁸. Nas comunicações digitais é comum observar também textos que ampliam os eventos de vitimização específicos para o panorama palestino de maneira mais ampla¹⁹.

Distintamente, as fotografias dos ritos funerários possuem elementos provenientes da simbologia de partidos políticos e ideologias²⁰, tendo em vista ao registro dos eventos ocorridos no local, diretamente articulado a tais dinâmicas, para a ambiência digital. Nesse sentido, diferente do que ocorre com os pôsteres não há a possibilidade de adequar tais imagens para a comunicação digital transnacional. Apesar disso, um elemento comum tem sido a evocação da humanidade desses sujeitos, articuladas à biografia desses sujeitos, com ênfase na perda coletiva e familiar, bem como a utilização de símbolos nacionais²¹.

A circulação de registros fotográficos desses ritos funerários, bem como o compartilhamento de pôsteres de martírio, retoma para a comunidade palestina a agência de significação das mortes ocorridas nos TPO. Nega-se o esquecimento da morte. Afasta discursos de “dano colateral” ou “terrorismo” enfatizando a humanidade desses sujeitos, evidenciada pela narração de sua biografia. Nomear e lembrar os mortos, bem como significar sua posição enquanto mártir, operam como uma importante ferramenta para a responsabilização (MITTERMAIER, 2015) das violências cometidas por Israel. Além disso, essas comunicações também são uma importante fonte de inspiração para manutenção do ativismo.

O poder enunciativo é dos ativistas que podem, portanto, comunicar seus próprios enquadramentos sobre aqueles sujeitos, oferecendo significado social para aquela morte e

¹⁵ As crianças são centrais para esse repertório, veja um exemplo em: <<https://www.instagram.com/p/CeF0bnGo5vs/>>. Acesso em 14 de jul. de 2022.

¹⁶ Veja um exemplo em: <<https://www.instagram.com/p/CQ7PPAbJw7r/>>. Acesso em: 14 de jul. de 2022.

¹⁷ Veja um exemplo em: <<https://www.instagram.com/p/Cfj9BqmtqCA/>>. Acesso em 14 de jul. de 2022.

¹⁸ Veja um exemplo em: <<https://www.instagram.com/p/CfYNGtVs-dC/>>. Acesso em 14 de jul. de 2022.

¹⁹ Um exemplo de tal articulação pode ser observado em: <<https://www.instagram.com/p/CeCQocwOfQo/>>. Acesso em 14 de jul. de 2022.

²⁰ Veja um exemplo, em que há a associação da bandeira do Fatah ao corpo do morto, em: <<https://www.instagram.com/p/CfjhHqutmXn/>>. Acesso em 14 de jul. de 2022.

²¹ Um exemplo da utilização de elementos nacionais nos ritos funerários pode ser observado em: <<https://www.instagram.com/p/CfJuHPDKCjt/>>. Acesso em 14 de jul. de 2022.

consolidando os laços de solidariedade. Essas imagens reforçam as fronteiras para com a alteridade a partir do antagonismo vítima-algoz e herói-vilão. A produção e circulação dessas imagens reforçam os laços de identificação para com a causa palestina, cobrando dos espectadores uma tomada de posição que ofereça significado e responda socialmente à morte e ao sofrimento. A imagem do corpo do mártir opera como evidência visual da violência israelense e da vitimização dos palestinos. Essas representações também foram centrais na rememoração de seu sacrifício, operando como uma promessa de memória e justiça, “levantando a incômoda questão pelo que esses jovens morreram - e que tipo de futuro precisamos criar para justificar seus sacrifícios” (MITTERMAIER, 2015, p. 591, tradução nossa).

Dessa maneira, os ativistas podem definir suas identidades, reforçando laços de coesão social, em que o "nós", os palestinos e seus apoiadores são imbuídos da função de fazer justiça pelos mortos, construindo um futuro melhor para a nação. Consideramos, logo, que o martírio é um ato performático, em que o registro e o compartilhamento de imagens que narram e rememoram essas mortes são formas centrais para legitimar e significar socioculturalmente esses eventos. O registro fotográfico e a produção de pôsteres implicam em uma nova experiência performática nas plataformas digitais. As fronteiras entre o espaço-tempo ritual e a vida cotidiana são cada vez mais porosas, desafiando os entendimentos clássicos da antropologia (TURNER, 1974; VAN GENNEP, 1978) implicando em novas formas de participação e compreensão desses rituais.

As maneiras pelas quais os sujeitos se engajam nessas performances digitalmente são distintas, produzindo efeitos também diversos. Através das plataformas digitais, a performance necessita de potência comunicativa para que seu público se engaje de fato. Esse engajamento extrapola a lógica ligada às *affordances* (curtir, compartilhar ou comentar), mas tem relação com a maneira pela qual essa performance pode implicar na alteração de posturas e ideologias, como a adoção da campanha BDS²². Essas imagens exigem que o espectador se debruce e permita ser atingido pelos sentimentos e valores morais ali apresentados.

Para os palestinos da diáspora, esses rituais resgatam memórias históricas, em um sofrimento contínuo até o presente. A morte conecta a vida pessoal do sujeito à narrativa

²² Boicote, desinvestimento e sanções (BDS) é uma campanha global que utiliza de boicotes econômicos, políticos, acadêmicos e culturais a Israel com o objetivo de acabar com a ocupação e colonização dos Territórios Palestinos Ocupados.

coletiva palestina, demandando ações orientadas ao futuro de modo a preservar a memória desses sujeitos. Além disso, demanda-se que essa luta não seja esquecida e abandonada, é dever dos vivos preservar sua memória e vencer a luta que vitimou o sujeito, oferecendo conforto à família e aos demais membros do corpo social. A experiência de morte se associa à experiência nacional palestina de maneira mais ampla, o *ethos* se articula ao sofrimento. O sentimento de pertencimento é gestado pela coletivização da experiência do luto. A utilização de signos ligados à causa palestina nos ritos de inumação desses sujeitos enfatiza a natureza coletiva da morte, em que a morte é enquadrada enquanto um evento de natureza nacional, em que o sofrimento também não deve ser circunscrito à família, mas ampliado a toda comunidade nacional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A circulação digital de imagens produzida pelos palestinos e seus apoiadores ligadas ao martírio amplia a performance desses eventos, incumbindo o espectador de honrar e preservar a memória do *shahid*. Seu público potencial é expandido pelo compartilhamento desses eventos nas plataformas digitais, implicando em uma nova etapa de tal performance. As imagens, em sua violência e emoção, demandam solidariedade transnacional. Lembrança e luto são representados nas performances realizadas *online* e *offline*, estruturando as funções comunitárias dos palestinos e seus apoiadores para com a sociedade, a nação e a causa palestina.

No presente trabalho foi possível observar duas maneiras pelas quais o martírio é visualmente representado e performado nos perfis do Instagram analisados: (1) o registro fotográfico dos ritos funerários dispensados a sujeitos considerados mártires e (2) a produção e o compartilhamento de pôsteres de martírio, reformulando características tradicionais de modo a realizar comunicações mais persuasivas para o público transnacional. Tais comunicações possuem características comuns, especialmente, a utilização de elementos nacionalistas e a ênfase na humanidade desses sujeitos. Apesar disso, constatou-se particularidades na configuração dessas imagens. Enquanto as imagens de ritos fúnebres possuem elementos que enfatizam dinâmicas políticas e ideológicas locais, os pôsteres de mártires preservam a uniformidade do sofrimento palestino. Argumentamos que tais

diferenças decorrem da possibilidade de configurar pôsteres específicos para a comunicação com público transnacional, focando em elementos mais persuasivos, através de repertórios de vitimização de ampla difusão.

O cotidiano dos sujeitos que vivem fora dos TPO é atravessado pela vitimização dos palestinos ali representados, em que o martírio conecta presente e futuro, desilusão e esperança, final e (re)começo. A atmosfera simbólica se infiltra no cotidiano, ressignificando a experiência a partir das implicações entre vida e morte, sagrado e profano, *online* e *offline*. Através das mídias, essas performances ganham novas possibilidades espaço-temporais. Partilha-se o luto, a indignação e a dor da perda de um membro da coletividade, valorizando o rito enquanto resposta social à morte. Os símbolos da coletividade compõem a natureza simbólica do rito, unindo os palestinos e seus apoiadores, (re)ordenando, enfatizando o sentido da vida e convidando os vivos a lembrar – especialmente, cumprindo a promessa coletiva de memória.

REFERÊNCIAS

ABU-HASHHASH, Mahmoud. On the visual representation of martyrdom in palestine. **Third Text**, v. 20, n. 3-4, 2006, p. 391-403. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09528820600901008?journalCode=ctte20>>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

ABU-RABIA, Aref; KHALIL, Nibal. Mourning Palestine: Death and grief rituals. **Anthropology of the Middle East**, v. 7, n. 2, p. 1-18, 2012. Disponível em: <<https://www.berghahnjournals.com/view/journals/ame/7/2/ame070202.xml>>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Companhia das Letras, São Paulo, 2008.

ANDRADE, Marcelo; PEREZ, Clotilde. Os rituais do brincar mediatizado: uma reflexão sobre a articulação de sentidos na produção e no consumo no brincar online da criança conectada. **Revista Contracampo**, v. 40, n. 3, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/50984>>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

BACEGA, Débora Regina; NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. Memória, ritual e consumo no clube de livros TAG Experiências Literárias. **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 19, n. 41, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/44516>> . Acesso em 15 de jul. de 2022.

BAR-TAL, Daniel. Sociopsychological foundations of intractable conflicts. **American Behavioral Scientist**, v. 50, n. 11, p. 1430-1453, 2007. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0002764207302462?casa_token=kgdDeH3Jg54AAAAA:LxdmylXN5nye4CiYLjbZLWzLxW1n_Orxo2oUrNzWJvM_V_6UAQ84nm-j3EKIPR0tbfZ924yVGWeyvvg>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, p. 39- 63, 2008.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, Quantidade e interesses do conhecimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, p. 17-35, 2008.

BLAAGAARD, Bolette; MORTENSEN, Mette; NEUMAYER, Christina. Digital images and globalized conflict. **Media, Culture & Society**, v. 39, n. 8, p. 1111-1121, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0163443717725573?casa_token=6acCFuoWVrMAAAAA:dLckxiZ_5zjT3wJCSLs7umi6hGfTCh0ttSXYcpnN1UvrhCuU7DzaWniKyWvr8cpEyYUX59mhGCHJbHg>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

COULDRY, Nick. Do mito do centro mediado ao mito do Big Data: Reflexões sobre o papel da mídia na ordem social. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 16, n. 47, p. 407-431, 2019. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/103220/>>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Martins Fontes, São Paulo, 1996.

GRIMES, Ronald L. **Rite out of place: Ritual, media, and the arts**. Oxford University Press on Demand, 2006.

HAMAMRA, Bilal Tawfiq. Witness and martyrdom: Palestinian female martyrs' video-testimonies. **Journal for Cultural Research**, v. 22, n. 3, p. 224-238, 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14797585.2018.1511941>>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

KUNTSMAN, Adi; STEIN, Rebecca L. Another war zone: Social media in the Israeli-Palestinian conflict. **Middle East Report Online**, 2010.

MITTERMAIER, Amira. Death and martyrdom in the Arab uprisings: An introduction. **Journal of Anthropology**, v. 15, n. 5, p. 583-604, 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00141844.2014.938090>>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

PAPPÉ, Ilan. **Historia de la Palestina moderna: un territorio, dos pueblos**. Madri: AKAL, 2007.

PETEET, Julie. Male gender and rituals of resistance in the Palestinian intifada: A cultural politics of violence. **American ethnologist**, v. 21, n. 1, p. 31-49, 1994. Disponível em: <<https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/ae.1994.21.1.02a00020>>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

PITCHER, Linda M. "The divine impatience": Ritual, narrative, and symbolization in the practice of martyrdom in Palestine. **Medical Anthropology Quarterly**, v. 12, n. 1, p. 8-30, 1998. Disponível em:

<https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/maq.1998.12.1.8?casa_token=PpXvMC4ltnEAAAAA:c6ap9oWf5jodmaMoV1ys-eoffngiePbdl7Cum5zem1icvTxavvnTNd5GUF3ImKoeuRlnaORiwvSVi7KN>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROLSTON, Bill. Messages of allegiance and defiance: the murals of Gaza. **Race & Class**, V. 55, n. 4, 2014, p. 40–64. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306396813519934?casa_token=_IWfZlnJBKQAAAAA:oWcWCicFnm8N-kjQ1Ogr1ftWYrGFebTiT4TAydz0Us5_9yq_u4GzeqXqrke3T_WEGn-J4l1wLJTGs38>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies**: an introduction. Routledge, 2002.

SCHIOCCHET, Leonardo. Palestinian Sumud: Steadfastness, Ritual, and Time among Palestinian Refugees. **Birzeit University Working Paper**, v. 51, 2011. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2130405>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, Versão digital, 2012.

SOREK, Tamir. Cautious Commemoration: Localism, Communalism, and Nationalism in Palestinian Memorial Monuments in Israel. **Comparative Studies in Society and History**, V. 50, N. 2, 2008, p. 337–368. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/comparative-studies-in-society-and-history/article/cautious-commemoration-localism-communalism-and-nationalism-in-palestinian-memorial-monuments-in-israel/222857E882D0E07FBCF87D5AFBE1A3FA>>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

SOREK, Tamir. The Quest for Victory: Collective Memory and National Identification among the Arab-Palestinian Citizens of Israel. **Sociology**, v. 45, n. 3, 2011, p. 464–479. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0038038511399632?casa_token=5eOwyVJasVgAAAAA:C11QaBx4UTIS-P08X_H65-X24IMU-Q8_BQSuztE2GX1YHGhHq8QVPm2GpmmMk9-R0ns2aHTHyc2Bj0>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

SUMIALA, Johanna. **Media and ritual**: Death, community and everyday life. Routledge, 2012.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

USHER, Graham. Children of Palestine. **Race & class**, v. 32, n. 4, p. 1-18, 1991. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/030639689103200402>>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VERDERY, Katherine. **The political lives of dead bodies**: Reburial and postsocialist change. Columbia University Press, 1999.

WIEVIORKA, Michel. **Violence**: A new approach. Sage, 2009.

WILES, Rich. Palestinian graffiti: 'Tagging' resistance. **Al Jazeera**, 26 de nov. de 2013. Disponível em: < <https://www.aljazeera.com/indepth/features/2013/11/palestinian-graffiti-tagging-resistance-2013112015849368961.html>> Acesso em: 14 de jul. de 2022.

WOLFSFELD, Gadi; FROSH, Paul; AWABDY, Maurice T. Covering death in conflicts: Coverage of the second intifada on Israeli and Palestinian television. **Journal of Peace Research**, v. 45, n. 3, p. 401-417, 2008. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0022343308088818?casa_token=Oviwx-5vtCkAAAAA:BkcnyvBKpWD3QF_SZd-q64Qgx2QRUZm4VUQ6VUygFY4QibyPpua0WeBYuJul3jN1DddY15ABSR3aoGY>. Acesso em 15 de jul. de 2022.

As autoras são responsáveis pela fidedignidade dos dados apresentados.